

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16659 - Resumo Expandido - Trabalho - XV Reunião ANPEd Sul (2024)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 12 - Filosofia da Educação

A VIRADA AFETIVA DO RECONHECIMENTO: POR UMA EXPERIÊNCIA DE AUTORREALIZAÇÃO NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES

Juliana Marques de Farias - UFPel - Universidade Federal de Pelotas

Maiane Liana Hatschbach Ourique - UFPel - Universidade Federal de Pelotas

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

A VIRADA AFETIVA DO RECONHECIMENTO: POR UMA EXPERIÊNCIA DE AUTORREALIZAÇÃO NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES

RESUMO: A pesquisa tem como objetivo compreender os caminhos percorridos por licenciandas de um curso de Pedagogia nos seus processos de reconhecimento de si na formação inicial para a docência e a relação desses processos com suas possibilidades de autorrealização. Orienta-se pela seguinte problemática: Como os processos de reconhecimento de si fomentados na formação inicial para a docência contribuem para a autorrealização pessoal e profissional de uma professora? Possui uma abordagem hermenêutica reconstrutiva e utiliza rodas de conversa em formato de oficinas como acesso à historicidade das participantes. Percebem-se as marcas de reconhecimento e de esquecimento de reconhecimento na trajetória dos sujeitos e as implicações desses vestígios nas possibilidades de autorrealização, identificando o primado das experiências de reconhecimento para oportunizar a ampliação do horizonte de compreensão de si. Correlacionam-se as marcas encontradas com a tradição pedagógica na formação de professores para atuar com crianças. A pesquisa tem indícios de que a formação humana oferece condições de reconstrução da historicidade das participantes e do significado atribuído para os sofrimentos, traumas e esquecimentos. Sinaliza que, atualizando os rastros na própria historicidade, as estudantes podem colocar-se no mundo como esses sujeitos que são fontes de autorrealização e de humanidade, uns para os outros.

PALAVRAS-CHAVE: Formação inicial de professores. Formação humana. Reconhecimento. Esquecimento. Autorrealização.

Introdução

O reconhecimento de professores é frequentemente pautado a partir de uma lógica objetivista que desconsidera a subjetividade dos profissionais, de modo que a interdependência intrínseca entre os sujeitos, as necessidades mútuas e os vínculos acabam não recebendo a devida atenção. Na formação inicial, encontramos pouco ou nenhum espaço para que um estudante possa revisitar seus processos de constituição de si e de inserção nos grupos sociais e profissionais. Ou seja, não consideramos esse adulto em formação como sujeito histórico, cujas experiências pessoais, crenças, emoções e sentimentos se articulam com os saberes acadêmicos.

Nesta pesquisa, consideramos a constituição da subjetividade como um processo de reconhecimento de si e do outro, a partir dos escritos sobre reconhecimento intersubjetivo de

Axel Honneth (2003). O autor reflete acerca de uma gramática moral dos conflitos e articula a constituição das identidades dos sujeitos num contexto de relações de luta por reconhecimento em três esferas: a autorrealização do indivíduo somente é alcançada quando “está inscrita na experiência do amor, a possibilidade da autoconfiança, na experiência do reconhecimento jurídico, a do autorrespeito e, por fim, na experiência da solidariedade, a da autoestima.” (Honneth, 2003, p. 272). Situando o reconhecimento intersubjetivo como afetivo-originário, o autor afirma que as experiências de violência sistemática, compreendidas como denegação de reconhecimento, podem levar ao esquecimento do reconhecimento. Nesta perspectiva, os sujeitos deixam de dar atenção ao sentimento de vínculo com o outro e, por conseguinte, consigo mesmo, o que pode levar a um padrão de autorrelação reificado.

Entendemos que a subjetividade de professores não se restringe apenas às experiências dos sujeitos enquanto adultos, visto que contempla um processo que se estabelece a partir das relações primárias e se amplia com a inserção dos sujeitos em outras esferas sociais. Assim, nessa virada afetiva proposta por Honneth, consideramos o reconhecimento de si e do outro como inerentes aos processos de formação de professores em um horizonte de ampliação de repertório profissional e pessoal.

Neste sentido, esta pesquisa investiga a formação inicial de professores em um curso de Pedagogia, na perspectiva da formação humana. Tem como objetivo compreender os caminhos percorridos pelas licenciandas nos seus processos de reconhecimento de si na formação inicial para a docência e a relação desses processos com suas possibilidades de autorrealização. Orienta-se pela seguinte problemática: Como os processos de reconhecimento de si fomentados na formação inicial para a docência contribuem para a autorrealização pessoal e profissional de um professor?

Metodologia

A pesquisa qualitativa, já concluída, possui uma abordagem hermenêutica reconstrutiva e utilizou como instrumentos um questionário e rodas de conversa. Primeiramente, foi aplicado pelo grupo de pesquisa um instrumento exploratório, no formato de um questionário *online*, a fim de auscultar os níveis de desenvolvimento emocional, as necessidades e as expectativas da comunidade de discentes de um curso de Pedagogia durante a pandemia de Covid-19. A partir dessa fase exploratória, focou-se no planejamento e execução de rodas de conversa, no formato de oficinas, totalizando 8 encontros executados. O público-alvo das oficinas, realizadas em ambiente virtual, foram 27 estudantes vinculadas ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) núcleo Educação Infantil,

matriculadas entre o 1º e o 5º semestre de um curso de graduação em Pedagogia. Ao final de cada encontro, solicitou-se às participantes a escrita de um texto-memória a partir das seguintes questões: *Como você sai dessa oficina? O que você leva dessa oficina de hoje?* A intenção, portanto, foi de articular e acompanhar as experiências de subjetivação, a fim de compreender estes processos em ambientes de formação docente que valorizam a formação pessoal e profissional dos sujeitos.

Salientamos a relevância dessas oportunidades narrativas na caminhada formativa e ainda assim reconhecemos as limitações da proposta, já que oferecemos apenas condições de possibilidade para que, acessando as experiências de infância, as licenciandas possam questionar esses processos de constituição de si na formação inicial. Visto que entendemos a aprendizagem como um encontro pedagógico que demanda o “comparecimento” de dois sujeitos dispostos a construção de conhecimento, conforme sinaliza Bouffleur (2007), poderíamos organizar contextos, oferecer escuta atenta e sensível, mas para que os processos de reconhecimento de si e do outro de fato ocorressem dependíamos do “comparecimento” das licenciandas.

Também ressaltamos que é necessário criarmos condições de acesso à tradição, mas também termos um respaldo teórico substancial, a fim de avaliar se as narrativas e as crenças se sustentam frente ao contexto atual e à racionalidade docente que buscamos construir. A hermenêutica reconstrutiva contribui nesse sentido, auxiliando na busca por compreensão das manifestações das participantes. Adotá-la como abordagem de pesquisa remonta a um esforço na participação de entendimento mútuo e também na própria formação das pesquisadoras, de modo que vá sendo desenvolvida uma postura que em alguns aspectos se aproxima da postura de reconhecimento - definida por Honneth como “um apreço pelo significado qualitativo que as outras pessoas e coisas possuem para a efetuação de nossa existência” (Honneth, 2020, p. 42).

Discussão e resultados

Ao longo da pesquisa foi possível testar, validar e ampliar nosso horizonte de compreensão à luz de uma universalidade. Considerando as manifestações das estudantes, circunscrevemos três categorias de compreensão. Identificamos traços que sinalizam uma resistência aos convites para os processos de reconhecimento de si e do outro, em um fechamento à experiência. Essas manifestações compõem a categoria Luzes sobre o esquecimento de reconhecimento e reproduzem uma racionalidade formadora forte com duas características recorrentes: o apego à visão romantizada do mundo e a indiferença.

Na perspectiva romantizada, as nuances e os conflitos inerentes à prática social são minimizadas e os sujeitos adquirem características por vezes idealizadas. A partir de uma mecanização da vida e de sua autorrelação reificada, o sujeito se apresenta fechado para a experiência autêntica, já que se encontra desconectado das próprias emoções, sentimentos e percepções. Na segunda característica identificada - a indiferença - os sujeitos se fecham para os atravessamentos da experiência formativa. Uma compreensão distorcida sobre a formação leva as estudantes a não se reconhecerem como principais responsáveis pelo seu processo formativo. Partem de um pressuposto de que uma formação para a docência se restrinja a uma construção de conhecimentos pedagógicos e à adoção de estratégias comportamentais que se alinhem com sua imagem de professora.

Também observamos nas manifestações indícios que originaram a categoria Luzes sobre o reconhecimento. A partir de um acolhimento das próprias carências e fragilidades, bem como da confiança nas próprias capacidades, identificamos duas características recorrentes: a abertura à experiência e a solidariedade, tanto para consigo quanto para com o outro. Percebemos essas marcas a partir dos indícios de engajamento com sua própria aprendizagem e com a formação, bem como da solicitude frente às interpelações dos sujeitos, nos singelos convites a autorresponsabilização que lançamos.

Os depoimentos também sinalizaram para uma percepção da potência das interações pautadas no amor, no respeito e na solidariedade, enquanto ainda se mantinham tingidos pelas violências da historicidade do sujeito. Nas manifestações desta categoria - Luzes sobre a busca por reconhecimento - é como se os sujeitos se abrissem para as relações de reconhecimento que convocam para o testemunho das virtudes, ao passo que ainda se mantêm emocionalmente apegados ao esquecimento de reconhecimento de sua historicidade. Assim, estas manifestações se caracterizam por uma solidariedade, um engajamento no processo formativo, numa abertura à experiências de reconhecimento, ao passo que ainda estão marcadas pelo apego à romantização.

Os traços característicos das manifestações nesse processo de formação humana dizem muito sobre como o sujeito se coloca no mundo e, portanto, nos dão condições de relacioná-los com as reflexões de pesquisadores da área de formação de professores. A visão romantizada do mundo e a indiferença foram criticados por Freire (1996) nas reflexões sobre a educação bancária e também Gruschka (2014) apontou o perigo da manipulação dos afetos. Caminhos violentos podem ser adotados por docentes a partir dessas duas características, já que essas manifestações reproduzem crenças e imagens distorcidas sobre a formação e sobre o ser e fazer pedagógico de professores. Percebemos que esses discursos violentos da tradição

pedagógica acabam reforçando determinadas opacidades relacionadas à formação de professores, perenizando alguns obstáculos com sua ação e compreensão do mundo, o que, por sua vez, compromete a formação de um sujeito crítico.

Por fim, nos depoimentos marcados pela solidariedade e pelo engajamento, percebemos que a relação dos sujeitos com o mundo está fortemente ancorada em uma abertura à experiência. Aproximando-nos dessas marcas, vemos que o sujeito conectado consigo mesmo - com suas emoções, sentimentos e necessidades - tem mais condições de escutar o outro de forma sensível. Nessa relação solidária, o sujeito terá maiores chances de exercer uma adaptação ativa também às necessidades apresentadas no contexto da docência. Além disso, mostra-se atento aos possíveis desconfortos que surjam nas relações e tem melhores condições de lidar com eles de forma não-violenta, respeitosa e solidária. Percebendo suas necessidades, o sujeito pode manifestá-las, tecendo pedidos claros para que sejam reconhecidas e quiçá atendidas.

A compreensão das opacidades nos relatos sugere como os sujeitos se relacionam com as lacunas psíquicas de sua historicidade. A relação que estabelecem com o esquecimento de reconhecimento que sofreram se faz presente nas experiências que vivenciam na formação inicial para a docência. Consideramos que a aproximação das características recorrentes de cada categoria de compreensão hermenêutica com o contexto da docência pode nos auxiliar a sofisticar o entendimento sobre formação humana e profissional de professores.

Conclusão

Retomamos nossa questão orientadora sobre a contribuição dos processos de reconhecimento de si fomentados na formação inicial para a docência para reafirmarmos sua imanência nas trajetórias de formação profissional como condição para a autorrealização pessoal e profissional de uma professora. Confirmamos a perspectiva de Honneth (2020) de que o reconhecimento é anterior ao conhecimento e, portanto, na medida em que é assumido na linguagem pedagógica, fortalece os processos de alteridade, solidariedade e engajamento autêntico com a formação inicial de professores. Pudemos perceber o primado das experiências de reconhecimento e identificamos a potência das oficinas de formação humana para assegurar condições de ampliar os horizontes de compreensão de si. Percebemos também como o esquecimento de reconhecimento se fez presente nesse cenário, limitando as condições desses sujeitos de ocupar seu lugar no mundo. Entendemos que as condições que geram a regressão à barbárie, mencionada por Adorno (1995), se traduzem em diferentes formas de esquecimento de reconhecimento. Esquecimento dos vínculos de afeto que fazem com que os sujeitos considerem a contribuição da simples existência do outro. Não como um

meio para atingir um fim, mas como um fim em si mesmo.

Consideramos que seja necessário assegurar às estudantes em formação inicial o mínimo de condições para que possam acessar sua historicidade e suas experiências constitutivas. Talvez assim, os sujeitos possam, na metáfora de Habermas (1987), com o apoio da hermenêutica reconstrutiva bater por dentro das paredes da tradição quiçá ressignificando suas experiências de infância. Esse encontro com um outro amoroso, compassivo e solidário na formação inicial carrega uma potência para sofisticar os níveis de autorrealização.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. Tradução: Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

BOUFLEUER, José Pedro. O operar pedagógico sob o primado da comunicação: a pedagogia em perspectiva auto-fundante. **Reunião Anual da Anped**, v. 30, 2007. Disponível em: <<http://30reuniao.anped.org.br/trabalhos/GT17-3338--Int.pdf>> Acesso em: 11 ago 2024.

GRUSCHKA, Andreas. **Frieza burguesa e educação**: a frieza como mal-estar moral da cultura burguesa na educação. Campinas: Autores Associados, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HABERMAS, Jürgen. **Dialética e hermenêutica**: para a crítica da hermenêutica de Gadamer. Porto Alegre: LPM. 1987.

HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento**: a gramática moral dos conflitos sociais. São Paulo: Ed. 34, 2003.

HONNETH, Axel. **Reificação**: um estudo de teoria do reconhecimento. São Paulo: Editora Unesp, 2020.